

Mídiamigra: Observatório De Comunicação E Migração Contemporânea No Brasil

Mídiamigra: Contemporary Communication and Migration Observatory in Brazil

Sofia Cavalcanti Zanforlin,²

Universidade Católica de Brasília

szanforlin@gmail.com

Ana Carolina Kalume Maranhão,³

Florence Marie Dravet,⁴

Karina Gomez Barbosa.⁵

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo exploratório e descritivo sobre a construção de um observatório da mídia, o MidiaMigra. Centrado no tema da migração contemporânea no Brasil, o artigo expõe os primeiros resultados da realização da pesquisa Mídia, Migração, Interculturalidade – discursos e imaginários, acerca da aplicação do Observatório de Mídia, na Universidade Católica de Brasília, financiado pelo CNPq. A compreensão dos discursos midiáticos na imprensa brasileira, entre os primeiros meses de 2012 e 2013, sobre migrantes haitianos no país formam o escopo deste trabalho

Palavras-chave.

Observatório da mídia; interculturalidade; jornalismo; cidadania; migração contemporânea.

Abstract

Observatory of Communication and Contemporary Migration in Brazil. This work presents an exploratory and descriptive study on the construction of a media observatory, the MidiaMigra. Centered on the theme of contemporary migration in Brazil, the article exposes the first results of the research project Media, Migration, Interculturality – discourses and imaginaries, on the application of the Media Observatory, in the Universidade Católica de Brasília (Catholic University of Brasilia), financed by CNPq. The comprehension of mediatic discourses in brazilian press, between the first months of 2012 and 2013, about haitians migrants in the country form the scope of this work.

Key-words.

Media observatory; interculturality; journalism; citizenship; contemporary migration.

Introdução

Este artigo apresenta os primeiros resultados da pesquisa Mídia, Migração, Interculturalidade – discursos e imaginários, acerca da aplicação do Observatório de Mídia – MídiaMigra. O projeto é empreendido pelo grupo de pesquisa que envolve a participação de quatro professoras e seis alunos de iniciação científica do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, com financiamento pelo CNPq. Neste artigo será apresentado um estudo comparativo realizado entre os meses de janeiro a março de 2012 e janeiro a março de 2013. No observatório, os alunos desenvolvem e aplicam, por meio de um estudo sistemático da migração contemporânea no Brasil, análises sobre matérias veiculadas na imprensa brasileira por meio de buscadores na internet, com base em categorias pré-estabelecidas de acordo com a metodologia exposta neste artigo.

A proposta empreendida foi realizada como parte das ações previstas no projeto de pesquisa em curso: Mídia, Migração, Interculturalidade – discursos e imaginários, aprovado pelo CNPq em dezembro de 2011, que inclui a construção de um observatório que monitore exclusivamente a maneira como são elaboradas as representações de grupos de imigrantes para o Brasil: Haitianos, Bolivianos, Asiáticos, com o foco nos chineses, e africanos, entre os quais se destacam migrantes angolanos e congolezes. O foco do presente trabalho centrarse na discussão em torno da presença de imigrantes haitianos em dois contextos: o primeiro versa sobre a decisão do Ministério da Justiça em aplicar um visto de entrada para migrantes haitianos, no período que compreende os três primeiros meses de 2012; o segundo é o recrudescimento desta imigração no estado do Acre e a consequente liberação da exigência do visto pelo Ministério. Em ambos os contextos, foi feita uma observação da construção de sentidos em torno deste grupo de imigrantes e de como os embates são apresentados à sociedade pela mídia brasileira.

No que diz respeito à abordagem sobre migração recente para o Brasil, é possível perceber duas tendências na cobertura noticiosa da imprensa brasileira: *i)* a que transmite o aumento da presença de portugueses e espanhóis, incluídos no grupo da chamada migração qualificada, acompanhada do argumento sobre a necessidade de incentivar uma

nova imigração europeia, e, *ii*) uma outra tendência que segue o pedido da atenção ou repreensão. São notícias sobre o crescimento da entrada de haitianos via região Norte, que denotaria um possível descontrole das fronteiras brasileiras. Neste mesmo caminho, estão notícias que revelam esquema de contrabando de migrantes voltado para abastecer o setor têxtil localizado sobretudo em São Paulo e periferia, ligado aos migrantes bolivianos.

É preciso salientar que a partir desta experiência, o observatório ganhou corpo e tornou-se ele próprio objeto de uma nova pesquisa que visa a ampliar estas percepções e incluir ao mapeamento da mídia “oficial” e da mídia produzida pelas comunidades migrantes recémestabelecidas no Brasil. O objetivo é empreender uma delimitação dos processos de migrações contemporâneas no país, por meio da observação sistemática sobre o que é produzido pela imprensa brasileira. Assim, apresentamos, na realidade, o processo de pesquisa como um continuum, em que dados se somam para se transformar em novas perguntas em buscas de respostas que clareiem e ampliem o entendimento acerca da realidade contemporânea. Neste processo, se entrecruzam movimentos, trocas de saberes, em um contexto em que as tecnologias da comunicação são partícipes do intuito comum de negociar pertencimentos e conquistar direitos de cidadania para a população dos novos imigrantes brasileiros.

É relevante reafirmar que o conhecimento sobre os meios de comunicação abre a possibilidade para novas abordagens sociais. Afinal, os meios de comunicação de massa atuam ao nível da construção e reformulação do senso comum, mas também da circularidade de estereótipos e reafirmação de estigmas. Dessa forma, faz-se necessário um olhar aberto e atento às complexidades que envolvem a discussão sobre migração, suas vinculações com a história da migração para o país e os debates relacionados ao tema na atualidade, bem como, a ampliação da visão sobre o passado, o presente e o futuro. É assim que as produções midiáticas podem ser apresentadas, como enunciados discursivos em diálogo com contextos sociais e históricos determinados.

Observar a mídia

Os chamados observatórios de comunicação, cultura e informação (conforme nomenclatura adotada por Herschmann, Santos e Albornoz, 2008) podem ser descritos

como espaços aglutinadores e plurais cuja missão é facilitar o acesso público à informação de qualidade e auxiliar o processo de tomada de decisão por parte dos atores públicos. Nas últimas três décadas, têm se tornado importantes mecanismos de agenciamentos democráticos e espaços de reflexão sobre a produção mediática. No Brasil, ganham relevância a partir da criação do Observatório da Imprensa, em 1996, na Unicamp. Atualmente, o país é um dos que possui o maior número de observatórios dedicados aos mais variados temas (ainda que a maioria deles, segundo os autores, possua pouco dinamismo, o que implica em pouco potencial de articulação com a sociedade civil organizada).

Herschmann e Albornoz agrupam essa diversidade de enfoques em dois grandes tipos de observatórios: os fiscais (*media watchers*) e os *think tank*. Os primeiros dedicam-se à “monitorar o funcionamento dos meios de comunicação” (2008, p. 238) e seus conteúdos, como espaços de articulação da cidadania, enquanto os segundos atuam na formulação de políticas públicas a partir de suas intervenções e reflexões. Nosso foco, nesta pesquisa, está na característica fiscalizadora dos observatórios, ora denominada de vigia: “Os observatórios de mídia surgem como essa oportunidade de vigiar e até de punir, simbolicamente, a atuação jornalística” (Gerald e Souza, 2009, p. 2).

De acordo com Herschmann, Santos e Albornoz (2008), os *media watchers*, fiscais ou vigias constituem cerca de 36% do total de observatórios nos países (em uma pesquisa que teve a dificuldade de acesso a informações sobre os organismos como um dos pilares) – alguns deles têm tido sua atuação ampliada ao longo da existência e partem da fiscalização para a proposição de políticas públicas. Outra constatação é que, no ambiente acadêmico eles florescem, uma vez que aliam reflexão teórica ao indagamento sistemático e coletivo dos conteúdos, conforme atesta Christofolletti:

É no meio acadêmico que a crítica de mídia parece encontrar mais condições para se implementar enquanto prática reflexiva e como ação propositora de novos procedimentos. E isso se explica pelo fato de que a universidade é um ambiente seguro (com relativa imunidade às pressões mercadológicas), fértil (pois dele se espera soluções para problemas e explicações para fenômenos e situações), reflexivo (por se constituir num pólo gerador de conhecimento) e plural (reunindo variedades de público e de perspectivas teóricas.

(Christofolletti, 2005, p. 2)

A concepção fiscalizadora dos observatórios nasce aliada à teoria da ação política e à noção de que esses organismos seriam um poder emergente dentro do “quarto poder” da mídia – ou mesmo um quinto poder, de acordo com Ignacio Ramonet – com núcleo na sociedade, cujo objetivo principal seria denunciar os grandes grupos e interesses da mídia, que agem de acordo com os interesses do capitalismo global (não à toa, nos EUA, existem dois observatórios tradicionais: um liberal e um conservador, claramente derivados das vertentes de esquerda e direita da teoria da ação política). Nesse sentido, sua articulação ultrapassa as esferas auto-determinadas pelas organizações privadas midiáticas, como o *ombudsman* e os códigos de conduta internos das empresas, por exemplo, e se constituiria

“fundamentalmente, em um espaço de confluência de três tipos de atores: jornalistas, pesquisadores e usuários dos meios de comunicação” (*Herschmann, 2006, p. 2*).

Nesta pesquisa, interessou-nos menos o caráter de denúncia de que um observatório possa ser portador, e muito mais seu caráter de monitoramento disciplinado de conteúdos midiáticos, que inclua a participação ativa dos usuários dos sistemas de mídia. Assim, pretendemos questionar os conteúdos, a fim de buscar sentidos produzidos a partir das narrativas midiáticas, bem como identificar presenças/ausências na cobertura.

O observatório atua, aqui, como um ente mediador entre os discursos produzidos pelos meios de comunicação acerca do tema da migração e, sobretudo, dos sujeitos migrantes, e das próprias comunidades migrantes. A partir da fiscalização disciplinada, permite-se a participação do migrante na interpelação dos meios de comunicação para construir uma perspectiva mais pluralista e cidadã da migração nos meios de comunicação.

A construção do observatório Midiamigra.

A primeira tarefa de um observatório de mídia é sempre selecionar os objetos em estudo. Nesse caso, os veículos midiáticos que serão escrutinados. Essa seleção é feita a partir de critérios embasados pelo tema de observatório, no nosso caso, a migração. Os veículos devem ser pertinentes à realidade dos migrantes que são representados (ou não) neles. Por isso, uma seleção ampliada é proposta neste artigo, por meio do uso da internet como ferramenta de pesquisa: é necessário, não só realizar um monitoramento dos

principais veículos de notícia do país, mas estar atento ao que se discute sobre migrantes e migração nos veículos regionais que recebem comunidades de migrantes, como jornais do Amazonas e do Acre, da região da tríplice fronteira. Novamente, a internet torna-se um facilitador neste processo de clípagem, uma vez que possibilita a elaboração de filtros de pesquisa que reúnem notícias divulgadas na rede.

O segundo momento foi empreendido com base na construção de um olhar que advém do cruzamento do arcabouço teórico que norteia esta pesquisa, como as noções de interculturalidade, imaginário, discurso, migração, pertencimento, cidadania, com conceitos construídos a partir da observação das notícias. A intenção foi analisar a característica cidadã que norteou a existência de um observatório, em todas as etapas de fiscalização dos conteúdos midiáticos, a fim de tornar tal observatório um espaço verdadeiramente democrático de reflexão e reconstrução das práticas midiáticas.

É o processo da descrição, da descoberta das mais basilares unidades de sentido. Em seguida, explicam Vanoye e Goliot-Lété (2006, p. 15), deve-se

“estabelecer elos entre esses elementos isolados”, para compreender como se associam e “se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir o filme ou fragmento” – interpretá-lo. Os autores deixam claro que essa reconstituição é assumida pelo pesquisador, mas deve ter como limite o próprio produto: “é, portanto, o ponto de partida e o ponto de chegada da análise”.

Finalmente, o observatório permitiu perceber o agendamento do tema nos veículos midiáticos e se havia uma consonância entre a agenda social dos migrantes e a agenda midiática que ajudou a estruturar a realidade social. “O que vale é o significado daquilo a que as pessoas estão expostas e, também, o impacto acumulativo desta exposição, cuja frequência continuada e cotidiana influencia na cognição” (Pena, 2008, p. 145).

1ª Etapa: Análise Exploratória

Esta etapa foi empreendida por meio de pesquisa qualitativa, baseada na coleta de amostras que proporcionaram percepções e a compreensão do contexto do problema a ser trabalhado. A análise exploratória tem como objetivo a elaboração da abordagem responsável por identificar variáveis que serão incluídas na pesquisa. Esta etapa foi

elaborada por meio da seleção de notícias que compuseram um banco de dados voltado para a construção de um Observatório de Mídia. Para a coleta de nossa amostra de pesquisa, identificamos nos 147 jornais brasileiros que fazem parte da Associação Nacional de Jornais (ANJ)⁶, os sites dos periódicos de maior circulação. A escolha foi feita a partir das informações da ANJ.

2ª Etapa: Pesquisa Descritiva

Após a primeira etapa, composta pela coleta do material, a seleção foi empreendida por meio da Análise de Conteúdo, com vistas ao entendimento e à sistematização de categorias presentes nos textos e pertinentes às matérias selecionadas.

Para realização desta pesquisa, o projeto teve como um dos pontos de partida a percepção de que a construção de um observatório voltado à migração recente para o Brasil não pode se dar sem a utilização de um instrumento metódico de análise de conteúdo que permita o trabalho de transformação dos dados brutos em dados organizados e analisáveis de acordo com categorias previamente definidas.

Para isso, a estratégia para abordar o objeto proposto consistiu na realização de um exame aprofundado das categorias empregadas pelos principais veículos selecionados para análise da produção midiática, incluindo também os sites que abordam a temática proposta para apresentar e discutir questões relacionadas à migração recente para o Brasil.

A categorização que foi empreendida no trabalho pretendeu tomar o corpus de notícias selecionadas de forma transversal e levou em conta dois processos distintos: *a seleção*, onde os elementos foram isolados, e *a classificação*, na qual esses mesmos elementos foram repartidos e colocados de forma a dar organização às mensagens e sentidos produzidos pela mídia. Para isso empregamos a técnica de análise de conteúdo, baseando-nos particularmente no conhecido trabalho de Bardin (2006).

Nesse sentido, o trabalho dividiu, organizou e teve como meta compreender de que forma a questão da migração recente para o Brasil foi representada por meio da produção de sentidos sociais. Este trabalho permitiu a identificação, através da gênese da

produção midiática, sobre os conceitos relacionados ao tema, de modo a poder identificá-los e estabelecer uma leitura das matérias jornalísticas produzidas.

Esta operação de classificação de elementos constitutivos da produção midiática foi definida segundo critérios previamente estabelecidos, tais como pertinência, relevância para a compreensão do tema tratado e até mesmo repetição de significados dentro dos veículos estudados.

A categorização realizada neste trabalho foi empreendida de forma transversal e levou em conta a seleção, como primeiro passo a ser empreendido, tendo como resultado um corpus de notícias jornalísticas a ser analisado. Nele é possível visualizar fragmentos retirados dos veículos de comunicação brasileiros e organizados de acordo com conceitos centrais do processo de migração, tais como: *i*) trabalho; *ii*) emprego, *iii*) migração; *iv*) grupos (haitianos, bolivianos, asiáticos, africanos); *v*) políticas migratórias brasileira; *vi*) economia, e, *vii*) cultura local. E o segundo passo levou em conta uma classificação dos elementos dispostos na seleção, em tabelas, que serviram para organizar questões retiradas dos textos como: valores-notícia, fontes utilizadas nas matérias, personagens, dados apresentados e as possíveis busca por soluções apresentadas ao longo dos textos.

Tais critérios desembocaram na formação de um *clipping* com conteúdo selecionado, que buscou encontrar o tema da migração e do migrante como notícia, e implicou a leitura crítica dos meios de comunicação em busca de tais notícias. Cada uma das referências forneceu as primeiras pistas sobre o tratamento dado pela mídia à questão. (Vale salientar que, neste trabalho, o termo mídia refere-se ao conjunto de textos produzidos pelos meios de comunicação de massa, incluindo rádio, televisão, jornal e a web, que promovem a circulação de sentidos e a consolidação de imagens). Serve, ainda, como ponto de partida e embasamento para a reflexão mais aprofundada de como a mídia constrói a imagem da migração e do migrante – e como essa imagem se reflete e é recebida nas comunidades.

Portanto, a metodologia utilizada foi essencial para análise de conceitos chaves na temática proposta com objetivo de produzir um resultado fértil em inferências e confirmação de hipóteses apresentadas no trabalho de pesquisa.

Diante desse material, algumas das perguntas em que o observatório se deteve serviram como base às reflexões: em quais editorias o tema da migração e o migrante estão mais presentes? A partir dessas presenças/ausências, podemos descortinar alguma imagem dos temas na mídia? Os migrantes são entrevistados, enquanto sujeitos? Ou seja: os migrantes são personagens com voz nos conteúdos ou são objetos silenciados? São eles que falam ou falam deles? A migração e os migrantes são os valores-notícia predominantes nas notícias ou aparecem como colaterais/coadjuvantes em narrativas midiáticas? A partir do conhecimento dos valores-notícia, foi possível perceber se houve uma atenção específica ao tema da migração ou se ele surgiu apenas a partir dos valores-notícia tradicionais, como ineditismo, amplitude, frequência, clareza, proximidade, continuidade, referência a pessoas ou locais de proeminência, inesperado e clareza.

Ainda outras questões: Quais as fontes ouvidas em tais conteúdos? Há pluralidade de fontes? A existência dessas fontes implica aprofundamento ou esvaziamento do tema, uma cobertura burocrática e desinformada? O tratamento ao tema privilegia o negativismo ou há busca de soluções e inflexão positiva?

Em relação aos gêneros noticiosos predominantes (informativo ou interpretativo e opinativo – de acordo com a nomenclatura de José Marques de Melo [*apud* Pena, 2008, p. 69]), a prevalência do tema como nota, notícia, reportagem crônica, entrevista, perfil, editorial, comentário, artigo, entre outros, revela não apenas a atenção ao tema, mas a maneira como ele é tratado e possíveis visões editoriais dos veículos sobre o assunto, que não necessariamente são explicitadas ao público.

Haitianos na mídia.

Nos últimos anos, os haitianos passaram a ocupar lugar de destaque na mídia brasileira. Ao longo do ano de 2010, matérias começaram a ser veiculadas pela mídia que variavam entre notícias sobre a situação do Haiti e sobre os primeiros grupos de haitianos – em torno de 150 – que chegavam a Tabatinga, no estado do Amazonas. Em 2011, começam as primeiras reportagens sobre o aumento na entrada de haitianos no Norte do Brasil, pelo Amazonas e o Acre.

Tabela 1: Chamadas de matérias sobre haitianos no Brasil publicadas entre janeiro e fevereiro de 2011.

Acre é rota de entrada de haitianos no país	Freud Antunes Folha de S.Paulo – 21/01/11
Haitianos vivem rotina de fome, falta de espaço e desilusão na Amazônia	Luciana Rosseto G1 – 14/02/11

Em 8 de janeiro de 2012, o jornal O Globo⁷, do Rio de Janeiro, anunciou em sua edição de domingo, uma invasão haitiana na cidade de Brasileia, no estado do Acre. Na versão publicada na internet, os comentários dos leitores podem ser conhecidos. Eles vão de medrosos a francamente xenófobos: “Essa raça tem que ir embora!”, finaliza um comentário que pedia intervenção do governo sobre o caso. Outra leitora comenta que o governo estaria gastando dinheiro com Outros, “ao invés de gastá-lo com a população local, já tão carente”.

Esta reportagem é uma das principais matérias que repercutiram o caso dos imigrantes haitianos nacionalmente, e é neste texto em que o debate sobre esse grupo de imigrantes é colocado em pauta, referindo-se a eles como “invasores”. É possível arriscar a apontar a reportagem dominical de O Globo como aquela que inaugura a construção de sentidos sobre a presença de haitianos no Brasil. A escolha pelo termo repercutiu entre pesquisadores e membros da sociedade civil que trabalham com migração no país, que a rechaçaram com veemência. Helion Póvoa Neto, pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (Niem), publicou uma carta no jornal, que fez circular também pelas redes que discutem o tema. Segue um trecho:

Na qualidade de pesquisador do tema e de defensor do direito à migração, gostaria de argumentar contra o uso do termo “invasão” para se referir a migrantes. Creio que ele se aplica melhor a forças militares organizadas, em missões que agridem a integridade de um território. Ou, como utilizado no passado europeu, em referência a povos tidos como incivilizados, ou “bárbaros”. A qualificação de “invasores”, quando atribuída a migrantes, denota hostilidade e contribui para fomentar a xenofobia, e deveria ser portanto evitada⁸.

Ainda em janeiro de 2012, o governo brasileiro, via Ministério da Justiça, anunciou medidas restritivas para a entrada de haitianos no Brasil. O governo condiciona a entrada no Brasil a partir da exigência de um visto que deve ser expedido ainda no

Haiti, por meio da embaixada brasileira em Porto Príncipe. Ainda assim, foi estabelecida uma cota de cem vistos por mês, limitação considerável. A medida anunciava ainda a possibilidade de deportação daqueles que não cumprissem as determinações do Ministério da Justiça.

Não demorou muito para que o desejo camuflado nos textos da imprensa, e nos comentários dos leitores, viesse a ser atendido. Ainda em janeiro de 2012, o governo brasileiro, via Ministério da Justiça, anunciou medidas restritivas para a entrada de haitianos no Brasil. Para os haitianos que já se encontravam no país – cerca de 4 mil imigrantes – seria expedida autorização de residência, que garante o direito de moradia e trabalho. Aos que ainda não haviam entrado, no entanto, a medida acertou em cheio.

A medida restritiva à entrada de haitianos se mostrou efetiva e logo nos primeiros dias que se seguiram a sua divulgação pode-se perceber repercussão na mídia nacional e internacional:

Tabela 2: Seleção de algumas notícias sobre haitianos no Brasil publicadas no mês de janeiro de 2012.

Governo limita expedição de vistos para haitianos entrarem no Brasil	Juliana Braga Correio Braziliense – 11/01/12
Dilma vai ao Haiti, mas, antes, fecha fronteira para imigrantes ilegais	Najla Passos Carta Maior – 11/01/12
Brasil cierra las fronteras ante el temor de una inmigración masiva de haitianos	Juan Arias El País – 11/01/12
ONU apela para que comunidade internacional mantenha apoio ao Haiti	Renata Giraldi Agência Brasil EBC – 12/01/12
A um passo da xenofobia	Cláudia Antunes Folha de São Paulo – 12/01/12
Imigração haitiana é a maior desde a chegada de japoneses e italianos	Sem assinatura Ansa - R7 – 12/01/12

Percebe-se que a recepção da medida tomou contornos variados. Desde aqueles que indicam descontentamento e acusação de xenofobia, até o pedido da Organização das Nações Unidas (ONU) para que não deixassem os imigrantes haitianos desamparados. De qualquer forma, na totalidade das reportagens, é possível verificar que todos parecem aceitar que quatro mil haitianos no Brasil é um número excessivo, a ver os adjetivos que descrevem: onda, maré, massivo. O mais leviano exemplo desse ponto de vista, foi a matéria divulgada no portal *R7*, que compara, sem fornecer números ou estatísticas, a imigração de haitianos à migração histórica de japoneses e italianos.

O monitoramento do Observatório de Mídia atual não dá conta de decréscimo de entrada de haitianos pelas fronteiras dos estados da região Norte, apesar da medida restritiva. Ao contrário, nos primeiros meses de 2013, a situação da cidade de Brasileia, no Acre, recrudescer e o governo daquele estado passa a enfrentar escassez de recursos para dar conta da crescente presença de imigrantes na cidade, em sua maioria de haitianos mas também de senegaleses, nigerianos, dominicanos e de Bangladesh. Entre os meses de março e abril de 2013, abundam notícias sobre o cenário na cidade acreana: “AC assina decreto de emergência por causa de haitianos”⁹; “AC: cidades estão em emergência devido a doenças de haitianos”¹⁰; “Ministério repassa R\$784 mil para assistência aos haitianos no AC”¹¹.

A resposta do governo é noticiada no mês de abril, com o envio de uma força-tarefa de membros do governo e do Ministério da Justiça à cidade de Brasileia, dentre eles, Paulo Abrão, presidente do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), e o próprio ministro, José Eduardo Cardozo: “Em quatro dias, força-tarefa cadastra 1.315 *imigrantes ilegais*¹² no Acre”¹³. Ressalte-se a escolha do termo “ilegal” para qualificar imigrantes pela imprensa brasileira: em um sentido contrário a este, a Associated Press¹⁴ comunicou ter abolido o uso do termo “ilegal” para qualificar migrantes, o que demonstra atenção necessária no tratamento noticioso do tema.

O mês de abril termina com boas notícias para os imigrantes: regularização dos haitianos em Brasileia¹⁵ e o cancelamento da exigência dos vistos para migrantes haitianos¹⁶, além da promessa do envio de uma nova política migratória ao Congresso Nacional¹⁷. Logo, é possível perceber posicionamentos dicotômicos na condução deste debate dentro do governo: “Entrada de estrangeiros pouco qualificados divide

governo”¹⁸. De um lado, discursos que sinalizam encaminhamentos para políticas seletivas, focadas na chamada migração qualificada. De outro, ações e discursos que sinalizam uma postura em sintonia com os direitos humanos e de abertura à presença de migrantes. O fato é que o cenário atual aponta para uma indefinição como marca do debate em torno da imigração contemporânea para o Brasil, como atesta o título da reportagem da BBC Brasil, replicada em sites de notícias brasileiras, como R7 e Terra Brasil: “Entre refugiados e ‘atração de cérebros’, Brasil segue sem política migratória”¹⁹.

Considerações finais.

Neste artigo, foi lançado um olhar para o que vem sendo discutido nos textos produzidos pela mídia brasileira acerca de imigrantes haitianos no Brasil, no período entre janeiro a março de 2012 e entre o mesmo período de 2013. O objetivo foi compreender os sentidos que começam a ser elaborados pelos textos midiáticos brasileiros, a partir do ganho de visibilidade do tema na mídia brasileira. No caso da migração haitiana, foi percebido que os tons alternam entre a necessidade de apoio a um grupo de pessoas marcado pelo sofrimento e, por outro lado, pela preocupação em torno dessa presença que começa a ser pintada como excesso e descontentamento.

Os discursos internacionais sobre o migrante assumem um tom alarmista em que a xenofobia se traveste por proteção a cidadãos de estados nacionais e integra plataformas eleitorais. Nesse caminho, a migração passa a ser elaborada pela chave da criminalização e o estrangeiro passa a ser representado como criminoso em potencial. No contexto brasileiro, essas discussões começam a aparecer. A mídia parece celebrar o aumento da presença europeia, com reportagens que contam histórias e relatam as recentes experiências de mudança de portugueses e espanhóis. Haitianos também são chamados a relatar seu sofrimento e a tentativa de uma vida melhor no Brasil, com narrativas alternadas pela preocupação e pelo temor.

Esta pesquisa situa-se nas discussões sobre interculturalidade como uma alternativa à despolitização do multiculturalismo e sua inclinação segregadora, no sentido que o conceito de interculturalidade traz em sua significação a ideia de troca, negociação dos limites de convivência entre diferentes, lutas pelos direitos políticos, cidadania e representação, remetendo à confrontação social e ao entrelaçamento simbólico. Enquanto

“multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (García Canclini, 2005, p. 17). A proposta intercultural apreende o mundo como um conjunto de “hegemonias dispersas” (Appadurai, 2004) e pensa as sociedades a partir da mudança de problemática da diferença e da desigualdade para inclusão/ exclusão em um contexto onde os indivíduos estão inseridos numa lógica muito mais fluida de pertencimentos diversos. Neste caminho, pensamos o migrante como aquele que melhor representa a crise das noções de estado-nação, desestabiliza a velha discussão centrada na identidade nacional, recupera tensões em torno dos embates entre raça e etnicidade e, por fim, coloca em suspenso o conceito de cidadania.

Neste âmbito, a proposta intercultural dentro da perspectiva dialógica (Morin, 2004) é defendida de forma que se coloque em evidência as propostas em torno da cidadania universal, das negociações por pertencimento na perspectiva transnacional, em que cada dia mais pessoas passam a conviver e estabelecer negócios entre fronteiras. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) certamente são facilitadoras nesse movimento, intercambiando remessas, estruturando redes, possibilitando as mais diversas trocas. Como os territórios nacionais vão se constituindo a partir dessas novas realidades, e como os Estados se colocam diante desse movimento global, são questões a serem observadas.

O trabalho do observatório, portanto, se inscreve no cerne de uma discussão atenta às sutilezas e penetrações do discurso, em um momento em que se assiste a uma mudança no quadro migratório atual para o Brasil, em que a mídia brasileira segue seu trabalho de levar informação à população, sem se posicionar. Ainda em cima do muro, e com escassos flagrantes de posição que mais se parecem com atos falhos, como no caso da matéria que anunciava a invasão dos haitianos, a mídia parece desconectada de todo um conjunto histórico de textos que recuperam políticas públicas, e acrítica sobre o porvir.

Referências

- APPADURAI, Arjun. (2004). *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Editorial Teorema.
- BARDIN, Laurence. (2006). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. (2005a). “Para uma rede nacional de observatórios de imprensa”. In: Observatório da Imprensa, setembro de 2005, edição 346. Disponível em: <http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/para-uma-rede-nacional-deobservatorios-de-imprensa>

CHRISTOFOLETTI, Rogério. (2005b). Nos intestinos da mídia: a prática dos observadores na internet. São Paulo, USP, 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/GT8%20-%200005.pdf>

GARCÍA CANCLINI, Néstor. (2005). Diferentes, Desiguais e Desconectados. Rio de Janeiro, Editora UFRJ

GERALDES, E. SOUSA, J. (2009). “Vigiar, elogiar e punir: a contribuição da análise de discurso de vertente francesa para a consolidação da pesquisa em observatórios de mídia”. In: Anais Eletrônicos VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: USP. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/elen_geraldes%3B_janara_sousa.pdf

HERSCHMANN, Micael. (2006). “Uma década de atuação de um importante observatório fiscal brasileiro no contexto ibero-americano”. In: ECO-PÓS. Rio de Janeiro: E-Papers, vol. 9, n. 1.

HERSCHMANN, Micael, SANTOS, Suzy dos e ALBORNOZ, Luiz A. (2008). “Balanço dos desafios enfrentados pelos Observatórios de Comunicação, Cultura e Informação no Brasil”. In: COUTINHO, Eduardo Granja, FILHO, João Freire, PAIVA, Raquel (orgs.). Mídia e Poder – Ideologia, Discurso e Subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X.

MORIN, E. (2004). “O diálogo supõe a igualdade”. In: CASTRO, G. e DRAVET, F. Sob o céu da cultura. Brasília, Thesaurus/Casa das Musas.

PENA, Felipe. (2008). Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto.

VANOYE, F. e GOLIOT-LÉTÉ, A. (2006). Ensaio sobre a análise fílmica. São Paulo: Papyrus.

Notas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Profª Drª do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, coordenadora da pesquisa Mídia, Migração, Interculturalidade – discursos e imaginários (CNPq), email: szanforlin@gmail.com

³ Doutoranda do Curso de Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de

Brasília, pesquisadora do Núcleo de Multimídia e Internet (Faculdade de Tecnologia - Universidade de Brasília). E-mail: ckalume@gmail.com.

⁴ Prof.^a Dr.^a do Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília, e-mail: flormd@gmail.com. ⁵ Doutoranda do Curso de Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, professora do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, email: karina.barbosa@gmail.com

⁶ As informações foram retiradas do site da Associação Nacional de Jornais instituição. Conteúdo disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em Agosto de, 2012.

⁷ <http://oglobo.globo.com/pais/acre-sofre-com-invasao-de-imigrantes-do-haiti-3549381>. Acesso em 22 de agosto de 2012.

⁸ Carta enviada ao Jornal O Globo na lista de Comunicação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios

(NIEM) em 10 de janeiro de 2012: NIEM.migr@gmail.com

⁹ <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,ac-assina-decreto-de-emergencia-por-cao-dehaitianos,1018919,0.htm>. Acesso em 05 de maio de 2013.

¹⁰ <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/ac-cidades-estao-em-emergencia-devido-a-doencas-dehaitianos,ec6060b9db31e310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em 05 de maio de 2013.

¹¹ <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/04/ministerio-repassa-r-784-mil-para-assistencia-aos-haitianos-noac.html>. Acesso em 05 de maio de 2013.

¹² Grifo nosso.

¹³ http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/04/25/interna_brasil,362515/em-quatro-diasforca-tarefa-cadastra-1-315-imigrantes-ilegais-no-acre.shtml. Acesso em 05 de maio de 2013.

¹⁴ http://colorlines.com/archives/2013/04/associated_press_stylebook_drops_illegal_immigrant.html. Acesso em 05 de maio de 2013.

¹⁵ <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2013/04/forca-tarefa-regulariza-situacao-de-todos-os-haitianos-queestao-no-ac.html>. Acesso em 05 de maio de 2013. ¹⁶ “Governo acaba com limite de vistos concedidos aos haitianos”:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/04/governo-acaba-com-limite-de-vistos-concedidos-aos-haitianos.html>. Acesso em 05/05/2013 ¹⁷ “Governo deve enviar ao Congresso este mês alterações na leis sobre migração”:

<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/governo-deve-enviar-ao-congresso-este-mes-alteracoes-na-leisobre-migracao,cc02166e4f73e310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em 24 de abril de 2013

¹⁸ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130502_imigrante_sem_qualificacao_cc_1k.shtml Acesso em 07 de maio de 2013

¹⁹ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130506_politica_imigracao_fl.shtml acessado em 07 de maio de 2013.